

OLGA DE MORAES SARMENTO

AS
MINHAS
MEMÓRIAS

(TEMPO PASSATO, TEMPO AMATO...)

PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA



881278

OLGA DE MORAES SARMENTO

AS
MINHAS
MEMÓRIAS

(TEMPO PASSATO, TEMPO AMATO...)



PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA

Shi

OLGA DE MORAES SARMENTO

El-Rei D. Carlos mandou a minha casa o Conde de Arnoso apresentar-me pêsames em seu nome; o mesmo fez Sua Majestade a Rainha D. Amélia, que incumbiu dessa missão a Condessa de Figueiró, mandando depois a Condessa de Sabugosa assistir à missa do 7.º dia, nos Mártires.

Fui depois ao Paço, como o protocolo e o coração mo pediam, apresentar os meus agradecimentos. Soube mais tarde que El-Rei D. Carlos dissera ao Almirante Hermenegildo Capelo, meu querido amigo e chefe da sua Casa Militar:

— Não calculas a pena que me fez, ver aquela rapariga tão nova, e só no mundo, viúva aos vinte-e-três anos!

Ao sabê-lo, compreendi melhor a bondade de alma que ditou a delicadeza de El-Rei, na audiência que me concedeu, acompanhando-me quase até à porta, e dizendo-me à despedida:

— Se algum dia precisar seja do que for, diga-me, minha senhora. *E não pede, manda.*

★

Foi ainda meu marido, sempre tão bom, tão compreensivo, quem quis que eu reali-

zasse um sonho em que quase não ousava pensar: — fundar uma Revista!

Para uma mulher, naquele tempo, fundar uma Revista em Portugal era coisa incompreensível, nunca vista, uma espécie de vasto terramoto, pois traduzia não só ousadia increditável — como perigosa ameaça de emancipação. Entretanto, fundei-a, dando-lhe o nome pomposo de *Sociedade Futura*, para mais seguramente enraivecer os espíritos piegas que, então, como em todos os tempos, abundavam na nossa terra. Era quinzenal. Apesar de ter obtido numerosas assinaturas, a Revista, em papel de esplêndida qualidade, e com óptimas gravuras, dava um prejuízo permanente, também quinzenal... Nunca poderei esquecer que as duas Rainhas, a Senhora D. Maria Pia e a Senhora D. Amélia, foram as primeiras a assinar para o Paço a minha Revista, em cujas páginas colaboraram aliás os nomes mais ilustres de uma geração.

Julguei-me então «alguém». O meu entusiasmo dava-me forças para trabalhar durante horas e horas. Revia provas, paginava, escrevia e já discutia com conhecimento de causa a complicada engrenagem técnica da arte tipográfica.

Um dia, ao chegar a casa, tive a surpresa

OLGA DE MORAES SARMENTO

de encontrar um bilhete de visita da Condessa de Proença-a-Velha. Intrigou-me o gesto da ilustre senhora, que eu nem de vista conhecia, e que tinha naquele tempo um dos primeiros e mais elegantes salões de Lisboa, famoso pelas altas personalidades que o frequentavam. Passados alguns dias, fui retribuir a visita, deixando também o meu cartão. Logo no dia seguinte, recebi um convite muito amável para ir tomar chá com ela, em intimidade. Fui com minha Mãe, que então era ainda nova e muito bonita. Eu dirigia uma Revista mas não saía à rua sòzinha, apesar de casada, para não ferir nesse ponto os hábitos e preconceitos da pacata Lisboa...

Ao entrar, chamou-me a atenção uma senhora adorável, muito loira, linda; veio para nós com ar amável mas surpreendido, evidentemente a cem léguas de saber quem eu era; falou a minha Mãe com muita simpatia. Entretanto, quando compreendeu ser eu a directora da Revista, aquela que escrevia artigos para as *Novidades* de Emídio Navarro, para o *Diário Ilustrado* de João Franco, para o *Dia* de Moreira de Almeida, — abraçou-me e beijou-me com tão espontânea ternura, que fiquei sinceramente desvanecida. E repetiu várias vezes: — «Mas é lá possível! É lá pos-

sível! Você é uma pequena... Eu tinha julgado que sua Mãe é que era a directora da *Sociedade Futura*».

Nesse dia, ao voltar a casa, muito feliz me senti! Conquistara uma grande e forte amizade. Com efeito, passámos a ser muito amigas, vendo-nos quase todos os dias. Nos seus almoços e jantares, não dispensava a minha presença; e na sua frisa de S. Carlos eu tinha sempre um lugar. Mandava-me buscar amavelmente na sua carruagem, e acompanhava-me a casa, muitas vezes, depois de assistirmos a representações inolvidáveis. Santa e adorável amiga! A sua bondade ficou-me para sempre gravada no coração; e também conservo no arquivo das minhas saudades a lembrança inesquecível dos serões que ela organizava todos os sábados, na sua linda casa da Rua Vicente Borga, às Janelas Verdes.

A vida lisboeta ia entrar no seu período de agitada decadência. À parte festas deslumbrantes que ainda, de onde em onde, nela marcavam uma nota do velho esplendor — restava-lhe, como trono de um pontificado artístico, intelectual e mundano, o salão da Condessa de Proença-a-Velha. Artista admirável, ela cantava deliciosamente. E às suas